

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial de outorga da Comenda Dois de Julho ao Sr. Florisvaldo Moreira de Mattos, professor, jornalista e escritor, nos termos da Resolução nº 2.173/2025, conforme proposição de minha autoria.

Convido, para compor a Mesa, a Sr.^a Deputada Olívia Santana, presidente da Comissão de Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Serviço Público desta Casa; o Sr. Luciano Suedde, chefe de Gabinete, representando o Sr. Marcus Vinícius Di Flora, secretário de Comunicação Social do estado da Bahia; o Sr. Edmundo Filho, coordenador de Rádio da Secretaria de Comunicação Social e representante do governo do estado; e a Sr.^a Magnolia Barreto, prefeita do município de Uruçuca, na Bahia. (Palmas)

Ainda, para compor a Mesa, convido o Sr. Aleilton Fonseca, presidente da Academia de Letras da Bahia e representante da Academia de Letras de Ilhéus e Itabuna; o Sr. Moacy Neves, jornalista e primeiro-vice-presidente da Federação Nacional dos Jornalistas; a Sr.^a Suely Temporal, jornalista e presidente da Associação Bahiana de Imprensa; o Sr. Washington José de Souza Filho, jornalista e diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. (Palmas)

Continuando a compor a Mesa, convido o Sr. Luiz Viana Queiroz, nosso amigo e ex-presidente da OAB-BA; a Sr.^a Fernanda Gama, jornalista e presidente do Sindicato dos Jornalistas da Bahia; a Sr.^a Mariana Carneiro, diretora de Jornalismo do jornal *A Tarde*; o Sr. Ruy Espinheira Filho, escritor e poeta; o Sr. Luiz Fernando Lima, chefe da Assessoria de Comunicação Social da Assembleia Legislativa da Bahia. (Palmas)

Solicito aos ex-alunos da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, os jornalistas Alberto Freitas, Gilmar Medeiros, Isabel Santos, Franciel Cruz, Marlupe Caldas, Nivaldo Costa, Iana Landim, Rogaciano Medeiros, Jeane Borges, Adilson Borges, Patrícia França, Joana D'ark, Mônica Bichara e Elieser César para conduzir a este Plenário o homenageado Florisvaldo Moreira de Mattos, professor, jornalista e escritor. (Palmas)

(O homenageado é conduzido ao Plenário.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Convido todos para ouvirmos a execução do Hino Nacional pela Banda de Música do Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças da Polícia Militar, sob a regência do maestro e tenente Aristoteles.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Neste instante, lerei uma mensagem da nossa presidente, deputada Ivana Bastos, que, infelizmente, não pôde estar hoje aqui nesta manhã.

(Lê) “Senhoras e senhores, há homens que atravessam o seu tempo e há aqueles que dão voz ao próprio tempo, transformando em palavras os sonhos, as inquietações e a identidade de toda uma geração. O nosso homenageado Florisvaldo Mattos pertence a essa rara linhagem.

Por compromissos anteriormente assumidos, infelizmente, não posso estar presente a esta sessão especial, mas não poderia deixar de me unir, por meio desta mensagem, a todos os que hoje se reúnem, na Assembleia Legislativa da Bahia, para celebrar uma trajetória que honra esta Casa, engrandece o nosso estado e pertence ao patrimônio cultural brasileiro.

Quero, desde já, parabenizar o deputado Adolfo Menezes pela iniciativa desta homenagem tão justa e necessária ao propor a concessão da Comenda Dois de Julho a Florisvaldo Mattos.

O deputado permite que o Parlamento baiano reconheça, com uma de suas mais importantes honrarias, um homem que dedicou a vida à cultura, ao jornalismo, à educação e à literatura. Florisvaldo deu voz a uma Bahia que desejava romper fronteiras, desafiar silêncios e reinventar-se pela literatura, pelo cinema, pelo jornalismo e pelas artes.

Quando a cultura baiana viveu um dos seus períodos mais criativos e transformadores, ele não assistiu à história de longe. Florisvaldo estava no centro dela: pensando, escrevendo,

provocando, reunindo talentos e ajudando a abrir os caminhos pelos quais passariam algumas das maiores expressões da cultura brasileira.

O seu nome está nas páginas dos jornais, nos versos publicados, nas salas de aula que transformou, nas redações que comandou e, sobretudo, na memória das muitas gerações que aprenderam, com ele, que a ‘palavra’ nunca é apenas ‘palavra’. A palavra pode revelar, pode despertar, pode enfrentar o esquecimento, pode preservar a memória e transformar a realidade.

Em Florisvaldo, a palavra ganhou ofício no jornalismo, profundidade na reflexão, permanência na poesia e generosidade no magistério. Por isso, esta homenagem, a um grande jornalista, professor e poeta, é também o reconhecimento a um homem que ajudou a construir a inteligência cultural da Bahia.

Desejo a todos uma linda e emocionante sessão à altura da trajetória e do legado de Florisvaldo Mattos.

Um abraço afetuoso!

Deputada Ivana Bastos

Presidente da Assembleia Legislativa da Bahia.” (Palmas)

Em seguida, assistiremos à apresentação do maestro Marcos Roriz, com a *Canção do Pássaro Viúvo*, poema musicado do poeta Sosígenes Costa.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Gostaria de registrar as presenças e, ao mesmo tempo, convidar para compor a Mesa a deputada Lídice da Mata, coordenadora da Bancada da Bahia no Congresso Nacional. A deputada Lídice da Mata é uma das poucas que honram o Congresso Nacional. Parabéns, deputada. (Palmas)

Saúdo, também, as presenças de Sr. Deputado Rosemberg Pinto, líder da Maioria; Sr.^a Aladilce Souza, vereadora da cidade de Salvador; Sr.^a Denise Menezes; Sr.^a Márcia Virgens, procuradora de Justiça do Ministério Público do Estado da Bahia; Sr. Durval Ramos Neto, conselheiro da OAB-BA; Sr. Clarindo Silva, escritor; Sr. Nelson Cadena, escritor; da Sr.^a Rose Menezes, ex-prefeita de Campo Formoso.

Informo, também, que são bem-vindos a esta Casa os alunos do Colégio Estadual Raymundo de Almeida Gouveia, do bairro de Castelo Branco. (Palmas)

Neste momento, convido a deputada Olívia Santana para assumir a presidência, enquanto farei minha saudação ao nosso homenageado.

(A deputada Olívia Santana assume a presidência da Mesa.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Com muita honra, convido o Sr. Adolfo Menezes, proponente desta honraria e desta sessão especial para conceder a honraria Medalha Dois de Julho – que será entregue de maneira absolutamente justa – ao nosso querido Florisvaldo Mattos, jornalista e o ícone do jornalismo baiano.

Saúdo a classe jornalística presente nesta sessão especial, uma sessão histórica.

Com a palavra o deputado Adolfo Menezes, nosso ex-presidente e próximo conselheiro do TCM. (Palmas)

O Sr. ADOLFO MENEZES: (Lê) “Bom dia a todos e a todas nesta manhã de outono, véspera do Dia dos Namorados e antevéspera do dia dedicado a Santo Antônio.

Começo recitando Álvaro de Campos, um dos heterônimos do grande poeta português Fernando Pessoa.

“*Tabacaria*

Não sou nada,

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

A parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo. (...)”

Em 94 anos, o nosso homenageado com a Comenda Dois de Julho ainda é o menino que andava sob os cacaueiros da fazenda São Salvador, de seu pai, e que continua a gestar todos os sonhos do mundo.

Um poeta é alguém que deixa à humanidade, em versos, como partilha, um pedaço da sua vida. E Florisvaldo Mattos nos lega algo que é para sempre.

Amigos e amigas, esta é uma homenagem que deveria ter sido realizada antes, há 20 anos, talvez, quando cheguei em meu primeiro mandato nesta Casa. Contudo, coincide, mestre Flori, com a minha despedida deste Plenário, com o quase fim da minha atividade parlamentar. (...)”

Aqui passei – desculpa aí a emoção – uma grande parte da minha vida. E, com o coração partido por um lado e alegre por outro, brevemente, estarei deixando este Plenário, onde convivi por dezenas de anos. (Palmas)

(Lê) “(...) Em 1998, meu saudoso irmão Herculano Menezes foi reeleito deputado estadual, mas uma tragédia o tirou desta vida.

Em 2006, fui eleito deputado estadual para o meu primeiro mandato.

Nada foi escolhido, nada foi combinado com o destino.

Não sabia que teria a honra de comandar esta solenidade, que é uma homenagem que toda a Bahia lhe presta ao dedicar-lhe a Dois de Julho.

Laurel pela tua trajetória como homem de retidão, como jornalista dos melhores e pelo legado que nos deixa, que são como diamantes e esmeraldas, tesouros da tua vida, engastados em teus livros.

O tempo, de acordo com as teorias de Einstein, é uma mera ilusão.

Ilusão ou não, contudo, ele deixa suas marcas.

Senhoras e senhores, a sua contribuição à humanidade, mestre Flori, talvez tenha começado quando você nasceu, em Água Preta do Mucambo, filho de D. Gertrudes e Seu Oscar, em 8 de abril de 1932.

Ou, quem sabe, quando encontrou, ainda jovem, aos 18 anos, o poeta Sosígenes Costa, em um café em Ilhéus. Sosígenes, filho da linda Belmonte, nascido em 1901, na aurora do século XX, foi um poeta sensorial, lírico e inspirado.

De gerações bem distintas, o cacau, talvez, de *Iararana* os tenha juntado.

“(...

E o cacau foi chamado o alimento do céu,

a baba-de-moça comida na lua.

E o cacau ficou na coroa da lua,

e os meninos fizeram a roda na rua,

pedindo à lua manjar do céu. (...)”

De Água Preta, atual Uruçuca, para Ilhéus; de Ilhéus para Salvador.

Em 1958, Florisvaldo formou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, ingressando nesse mesmo ano no Jornalismo, profissão que abraçou e na qual labutou, diariamente, por mais de meio século.

Colaborou para o *Jornal da Bahia*, atuou também no *Diário de Notícias*, parte dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, exercendo a função de repórter, redator e colunista.

Pela mesma Universidade Federal da Bahia, fez mestrado em Ciências Sociais; ali ingressando como professor em 1962, exercendo o magistério superior até 1994. Em 1964, fez especialização em Jornalismo e Documentação pela Escuela Superior de Periodismo, em Madri.

Entre 1987 e 1989, presidiu a Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Comandou as redações do *Jornal da Bahia* e da sucursal baiana do *Jornal do Brasil*. De 1990 a 2004, foi editor do caderno de cultura do jornal *A Tarde*, premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte, em 1995, como o melhor órgão de divulgação cultural do Brasil. Também, em *A Tarde*, foi editor-chefe.

Membro da Academia de Letras da Bahia, eleito em 28 de dezembro de 1994, ocupa, desde 26 de novembro de 1995, a Cadeira 31, tendo sido saudado pelo jornalista escritor e amigo João Carlos Teixeira Gomes, Joca, o Pena de Aço.

Em 1996, a União Brasileira de Escritores concedeu-lhe o Prêmio Ribeiro Couto de Poesia pelo seu livro *A Caligrafia do Solução e Poesia Anterior*. Integrou o grupo Geração Mapa, antológico movimento iniciado no Colégio Central da Bahia, que influenciou o Cinema Novo e a Tropicália, de Gil e Caetano. No grupo, há estelares como Glauber Rocha, João Carlos Teixeira Gomes, Fernando Peres, Paulo Gil Soares, Calazans Neto, João Ubaldo Ribeiro, Sônia Coutinho e David Sales.

Mestre de vários mestres e inúmeros discípulos, o jornalista, professor, escritor e poeta Florisvaldo Mattos está entre as grandes personalidades brasileiras, faz parte de uma geração brilhante e efervescente da cultura e do Jornalismo da Bahia, ao lado de notáveis como Jorge e James Amado, Adonias Filho, Zélia Gattai, Carybé, Myriam Fraga, Jorge Medauar, Odorico Tavares, Paulo Nacif, Jorge Calmon, José Carlos Capinan, Ruy Espinheira Filho, Fernando Rocha Peres e Roberto Santana, dentre tantos outros.

Testemunharam e beberam da força da sua escrita e de seu grande senso de inovação estilística, jornalistas do naipe de Emiliano José, Bob Fernandes, Tasso Franco, Paolo Marconi, Fernando Vita, Carlos Navarro, Nice Melo, Olívia Soares, Zé Cerqueira, Rogaciano Medeiros, Vitor Hugo Soares, Alberto Freitas, Cris Barude, Adalberto Meireles, Dóris Pinheiro, Patrícia França, Jeane Borges, Zé Fernandes, Paulo Bina, Anna Valéria, Socorro Araújo, Péricles Diniz, Rosane Santana, Gilmar Medeiros, Aurora Vasconcelos, Solange Galvão, Elieser César, Paixão Barbosa, Moacy Neves, Joana D'arck, Nivaldo Costa, Adilson Borges, Isabel Santos, Franciel Cruz, Suely Temporal, Eulámpia Reiber, Divo Araújo, Demóstenes Teixeira. São tantos bons que, em qualquer lista que se fizer, sempre serão os mesmos.

Florisvaldo Mattos publicou, ao longo da sua brilhante carreira literária: *Reverdor*, em 1965; *Fábula Civil*, de 1975; *Dois Poemas para Glauber Rocha*, de 1985; *A Caligrafia do Solução e Poesia Anterior*, de 1996; *Estação de Prosa & Diversos*, em 1997; *A Comunicação Social na Revolução dos Alfaiates*, de 1998; *Mares Anoitecidos*, em 2000; *Galope Amarelo e Outros Poemas*, de 2001; *Travessia de Oásis - A Sensualidade na Poesia de Sosígenes Costa*, de 2004; *Poesia Reunida e Inéditos*, em 2011; *Sonetos Elementais - Uma Antologia*, em 2012; *Estuário dos Dias e Outros Poemas*, em 2016; *Antologia Poética e Inéditos*, em 2017; *Tertúlia Democrática*, de 2019; *Cacaueiros - Poesia, Conto e Teatro*, em 2022; *Academia dos Rebeldes e Outros Exercícios Redacionais*, de 2023; *Catorze Janelas Abertas: Sonetos Reunidos, com Inéditos*, em 2024; e os *Versos Eróticos de Ponteio com Tercetos Sensoriais*, de 2026, lançado no mês passado.

E como o prodígio deste mestre não se esgota, agora mesmo, nesta sessão especial, está lançando, pelo selo ALBA Cultural, a edição revista e ampliada de *Mares Anoitecidos*. São poemas ambientados durante a invasão holandesa à Bahia, entre 1624 e 1625, com prefácio da primeira edição do poeta Ruy Espinheira Filho, aqui, em nossa companhia; e, em segunda edição, do escritor Alexei Bueno.

O futuro é incerto, mas as suas obras, mestre Flori, nos deixam registros e memórias abundantes. Estão em seus escritos os temas da vida: o amor, a terra, a infância, a solidão, os sonhos, a liberdade, a angústia, a alegria e a morte. Tudo ao mesmo tempo tão diverso, mas sempre integrado, junto e misturado.

Para confirmar que a vida é mesmo ‘junto e misturado’, como o antigo armazém de secos e molhados, de seu Oscar, seu pai, no Barro Vermelho, rememoro aqui Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*: ‘O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquentada e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre, a mais, no meio da alegria. E ainda mais alegre no meio da tristeza. Só assim, de repente, na horinha que se quer, de propósito - por coragem.’

Esta Comenda Dois de Julho é um símbolo de reconhecimento da Bahia e dos baianos, mestre Florisvaldo, por sua contribuição à cultura e ao bom jornalismo, e pelos seus 94 anos em defesa incessante da liberdade e da democracia.

Jornalistas, escritores, amigos e familiares de Flori, provavelmente, como falei há pouco, esta é a minha última sessão especial nesta Casa. Estou triste mas, ao mesmo tempo, muito contente por estar concedendo uma das mais justas homenagens de todo o período em que aqui estive, por toda a sua grandeza e merecimento, mestre Florisvaldo. (Palmas)

A prefeita Magnólia Barreto declamou *Água Preta*. Antes de encerrar, vou ler aqui alguns versos de *Rumo à Água Preta*: *‘Na manhãzinha de um verão defunto, repisando palavras, conselheira, a mãe urdia na hora da partida, igualmente a um martelo na bigorna. ‘Vai, filho, estude, aprenda, escreva e leia. A luz do livro guia o pensamento’. Os dias disparando na folhinha, subo no trem e vou para Água Preta. Trilhos rangem. A máquina resfolga, bafejando fumaça nos dormentes. Como a vida, o trem passa e passará. Chegar, parar, partir, é o seu destino, sem que perdue vivo nos apitos o pranto que ele deixa para trás.’*

Como a vida, o trem passa e passará, mas o teu legado, mestre Florisvaldo, ficará. Como disse sabiamente D. Gertrudes, sua mãe: *‘A luz do livro guiará o pensamento’*.

Estão aqui os estudantes do Colégio Estadual Raymundo de Almeida Gouveia, de Castelo Branco, daqui de Salvador, confirmando que o conhecimento é a nossa maior riqueza. Estudem, leiam, escrevam. Que a luz dos livros os guie e os ilumine. E é para o futuro, para os nossos estudantes, a quem peço uma salva de palmas. (Palmas)

Esse seu legado, Flori, é deles; não só de Verinha; teus irmãos, teus filhos Elzinha, Mauro e Joana; e dos teus netos Guilherme, Beatriz, Anaís, Marina, Benjamin e Bernardo. A tua obra é uma herança para todas e para todos nós, sobretudo, para as novas gerações, eternizado, para sempre, na inteligência e nas letras de teus livros.

Mais que uma cerimônia, este é um instante de amor, o amor da energia de todas as pessoas que estão daqui, neste momento, neste espaço, em sinal de respeito, atenção, carinho, admiração, agradecimento.

O seu legado à humanidade já está guardado para sempre, mestre Flori.

Guarde, em seu coração, este instante de amor, do nosso amor pela sua pessoa.

Que as deusas Calíope e Erato continuem a inspirar o teu estro, mestre Florisvaldo Mattos.

Que Santa Dulce o abençoe!

Que Santo Antônio rogue por todos nós!

Muito obrigado.” (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Parabéns, deputado Adolfo Menezes!

Foi, realmente, emocionante. Foi uma aula, para os nossos estudantes, esse discurso proferido pelo deputado Adolfo Menezes.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Quero aproveitar este momento para agradecer ao deputado Adolfo Menezes, que se despede, simbolicamente, desta Casa, nesta sessão especial tão magnífica ao homenagear um homem que sempre teve compromisso com a ética – não é isso, Levi Vasconcelos? – tem um caráter admirável e é, também, deputado Adolfo, uma figura que possui um compromisso inquebrantável com a história, com a democracia e com as nossas culturas baiana e brasileira.

Eu me sinto muito honrada.

Quero te agradecer por ter me convidado para compartilhar esta Mesa neste momento. V. Ex.^a, deputado Adolfo, sai desta Casa. Mas tenho a certeza de que a chegada de Denise como deputada, certamente, acontecerá, vai amenizar esta perda, deputado Rosenberg Pinto.

Então, quero pedir a vocês, a cada uma e a cada um, a esses meninos e a essas meninas: bebam nessa fonte de sabedoria. Quando saírem da sessão, façam o dever de casa; estudem mais sobre a literatura e a história do nosso querido professor Florisvaldo Mattos.

Quero pedir a este Plenário uma salva de palmas para o nosso ex-presidente desta Casa, Adolfo Menezes, pela despedida magistral que ele acaba de realizar. (Palmas)

(O deputado Adolfo Menezes reassume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Só agradecer, não é? Vocês vejam que esta cara é dura e fechada, mas o coração é de manteiga, pois eu estou me segurando. Desculpa pela emoção.

Encerrar uma trajetória tão longa e com homenagem de todos, sem desmerecer os outros homenageados, mas esta é, com certeza, uma homenagem das mais justas realizada aqui, nesta manhã de quinta-feira. É uma emoção muito grande. Eu sempre fui um crítico de algumas concessões aqui na Casa. Mas Deus reservou este momento que já era para ter acontecido justamente nesta despedida.

Neste momento, o aboiador e o trovador Jessé Machado homenageia o poeta Florisvaldo Mattos.

(Procede-se à apresentação artística.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Queria parabenizar você, Jessé.

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Convidamos, agora, a Sr.^a Magnolia Barreto, prefeita de Uruçuca, cidade natal de Florisvaldo Mattos, para fazer a sua saudação.

A Sr.^a MAGNOLIA BARRETO: Eu gostaria, neste momento, de pedir licença ao deputado Adolfo para saudar o advogado, jornalista e escritor da minha amada Uruçuca, Bahia, o nosso amigo Florisvaldo Moreira de Mattos. Assim, eu saúdo todos os componentes desta Mesa.

Gostaria, também, de registrar e, daqui a pouco, dar um abraço em nosso deputado e líder do Governo, Rosemberg Pinto. Desejo que Deus te abençoe sempre. Desejo, também, que Deus abençoe todos os presentes e a nossa comitiva de Uruçuca que está aqui. (Palmas)

Registro, ainda, o meu agradecimento a todos os presentes e ao autor desta proposta e desta justa homenagem, o excelentíssimo Sr. Deputado Adolfo Menezes.

(Lê) “Senhoras e senhores, hoje não celebramos, apenas, uma trajetória individual, celebramos uma vida dedicada à palavra, à cultura, à memória e à identidade do povo baiano e brasileiro, lógico.

Celebramos um filho de Água Preta do Mucambo, a nossa querida Uruçuca, que levou consigo as paisagens, os sons, os afetos e as lembranças da nossa terra natal, transformando-os em literatura da mais alta qualidade. Nada expressa melhor essa ligação profunda com as suas origens do que os versos do poema *Água Preta*, de sua autoria.

Água Preta

*Água Preta: debruço-me na ponte,
olho o rio que sangra minha infância;
me despeço de mim — lá, do que fui,
do que somente fui, não mais serei. (...)*”

Estou um pouco nervosa, porque é muita emoção estar aqui, neste momento. Tenho certeza disso. (Palmas)

(Lê) “Ao ler os seus versos, mestre Florisvaldo, nós, também, revisitamos as nossas próprias memórias. Caminhamos pelas ruas da antiga Água Preta. Ouvimos os sons de um tempo que permanece vivo e reencontramos as raízes que nos formaram.

A sua obra transcende a poesia. Ela preserva a história, a cultura e a alma do Sul da Bahia. Os seus livros, os seus ensaios, as suas críticas, os seus textos jornalísticos constituem um patrimônio intelectual que continuará inspirando gerações.

Por isso, esta sessão possui um significado especial.

A Comenda Dois de Julho é uma das mais importantes distinções concedidas pelo povo baiano. E, hoje, ela encontra destino merecido ao repousar sobre o peito de um homem que dedicou quase um século de vida ao conhecimento, à arte e à construção da nossa identidade cultural.

Esta homenagem reconhece não apenas o escritor consagrado, mas também o menino de Água Preta que soube transformar lembranças em poesia, e fazer da sua terra uma referência permanente em sua obra.

Mestre Florisvaldo, Uruçuca sente orgulho da sua história, mas sente ainda mais orgulho em poder chamá-lo de filho desta terra.

Em sua obra, encontramos a sensibilidade dos grandes poetas e a capacidade rara de eternizar aquilo que o tempo insiste em levar. Graças à sua escrita, a nossa memória permanece viva.

Por isso, hoje, em nome do povo de Uruçuca, agradeço.

Obrigada por honrar as nossas origens.

Obrigada por preservar a nossa memória.

Obrigada por transformar a nossa terra em literatura.

Obrigada por nos mostrar, através da poesia, que as raízes mais profundas jamais se perdem.

Parabéns por esta merecidíssima homenagem!

Que Deus continue abençoando a sua vida e o seu legado.

Muito obrigada.” (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Gostaria de registrar as presenças de Sr. Fábio Serravalle, diretor de Administração e Finanças do Desenharia; Sr. Pedro Barachisio Lisboa, advogado; Sr. Mário Brito, juiz classista aposentado do TRT; Sr. Mateus Anjos Castro Braga dos Santos, da Coordenação de Artes Circenses e coordenação de Literatura da Fundação Cultural do Estado da Bahia; e Sr. Vandervelde de Aguiar, procurador do município de Uruçuca.

Com a palavra a Sr.^a Magnolia Barreto.

A Sr.^a Magnolia Barreto: Gostaria de entregar esta lembrança ao Sr. Florisvaldo. Esta é uma simples lembrança que vem dos cacau, chocolate e mel, lá, de Uruçuca.

Aproveito o ensejo para convidar todos a estarem presentes de 19 a 21 de junho de 2026, a fim de participarem do São João do Mel, lá, em Uruçuca.

Muito obrigada. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Neste momento, assistiremos à apresentação de Rita Tavares em homenagem ao seu professor, com a música preferida dele, o samba *Antonico*, de Ismael Silva.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Neste momento, convidamos o poeta Ruy Espinheira Filho para fazer uso da palavra. (Palmas)

O Sr. RUY ESPINHEIRA FILHO: Bom dia a todas e todos.

Disseram-me que iam me chamar para dizer algumas palavras sobre Florisvaldo Mattos, o que muito me honrou.

Florisvaldo Mattos é uma das figuras mais admiráveis que eu já conheci na minha vida. Demorou um pouco, porque nós tínhamos trabalhos e dedicações diferentes. Ele era já grande jornalista. Eu era estudante de Direito, já começando a escrever crônicas diárias no jornal *Salvador*.

Então, eu resolvi deixar o curso de Direito. Deixei o curso de Direito, porque o meu pai era um grande advogado. Ele era um cara que honrava de tal maneira a profissão dele, pois tinha paixão pelo seu trabalho. Eu achava que eu não estava à altura. Eu achava que se eu me formasse em Direito para trabalhar com ele, ele ia, depois, descobrir que eu estava fazendo um curso somente para agradá-lo, sem uma verdadeira vocação, e que eu iria abandonar o curso.

E ele me disse: “Mas, de qualquer forma, está tudo bem.” O meu pai não obrigava ninguém a fazer nada. Era um homem profundamente ético. Ele me disse: “Não. Então, faça um outro curso universitário.”

E eu lhe respondi: “Vou fazer. Vou fazer o vestibular de Jornalismo, porque eu já estou escrevendo crônicas diárias em jornal. Então, de qualquer forma, é um caminho andado. Aí, eu me formo em Jornalismo e tal.”

Havia mais um dado importante em tudo isso. Eu tinha descoberto que Florisvaldo Mattos era professor da Faculdade de Comunicação. Eu já era um grande admirador da poesia de Florisvaldo Mattos, mas não o conhecia, pessoalmente. Seria uma grande oportunidade.

Se eu entro na escola de Comunicação, vou ser aluno de Florisvaldo Mattos, uma das grandes admirações de minha vida. E assim foi feito. Fiz o vestibular. Passei no vestibular. Entrei no curso. Fui aluno de Florisvaldo Mattos. Sabia que Florisvaldo Mattos, também, era um belo boêmio; e eu, também.

Então, eu digo para mim mesmo: “Bom, vou dar um jeito de pegar Florisvaldo um dia para gente sair para tomar umas cervejinhas e tal, e bater um papo sobre poesia.” À época, eu já estava começando a publicar coisas na área de poesia. E isso aconteceu. Daí para cá, fizemos uma grande amizade que persiste até os dias atuais.

Quando eu vi que iam dar esta medalha, esta condecoração a Florisvaldo Mattos, eu disse: “É uma grande honra para a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. (Palmas) É uma honra para Florisvaldo Mattos. É uma honra para todos nós. Mas, para a Assembleia Legislativa do Estado de Bahia, é uma honra especial, porque demorou muito.”

Florisvaldo é um grande homem em termos nacionais há muito tempo. Ele honrou demais essa profissão a vida inteira como jornalista, como estudioso, como criador de coisas fabulosas como aquelas publicações culturais que, à época, eram no jornal *A Tarde*. Foi uma coisa assim que ganhou um prêmio nacional como o maior caderno de cultura do Brasil.

Então, há muito tempo, ele já devia ter recebido esta medalha.

Mas está recebendo hoje.

Estamos todos muito felizes com isso.

Florisvaldo Mattos é um dos grandes nomes da minha vida. Eu fico muito emocionado em estar aqui, hoje. Por outro lado, eu, também, me sinto muito agradecido ao testemunhar a prestação desta homenagem a Florisvaldo Mattos, a esse grande baiano, a esse grande brasileiro, a esse grande poeta, a esse grande jornalista, a esse grande professor e a esse grande amigo.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Para saudar o nosso homenageado, convidamos o Sr. Washington José de Souza Filho, diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. (Palmas)

O Sr. WASHINGTON JOSÉ DE SOUZA FILHO: Bom dia a todas as pessoas presentes, especialmente ao professor Florisvaldo Mattos, com quem eu tive a oportunidade de conviver em diferentes oportunidades.

Espero, aqui, poder fazer o relato. Estou falando em nome da Faculdade de Comunicação, mas me sinto honrado por estar participando também na condição de ex-aluno. Espero poder, inclusive, estar representando os diversos colegas do professor Florisvaldo Mattos que aqui estão.

Deputado Adolfo Menezes, esta homenagem é mais do que justa, é o reconhecimento que se faz a uma personalidade da história da Bahia em diferentes campos, diferentes aspectos, não apenas no Jornalismo, não apenas na Faculdade de Comunicação, como professor de Jornalismo, sobre o qual eu pretendo conduzir esta participação aqui na minha saudação.

(Lê) “A minha convivência com o professor Florisvaldo Mattos (Flori) começou como estudante, aluno do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Bahia, na antiga Escola de Biblioteconomia e Comunicação...”, parece um pouco distante no tempo, mas isso foi em 1979.

(Lê) “(...) Alguns anos depois, a partir de 1990, estive como seu colega, após ser aprovado no concurso para professor da atual Faculdade de Comunicação... (...)”, quando era diretor da Faculdade de Comunicação o professor Ruy Espinheira, outro dos mestres que eu também tive quando aluno.

(Lê) “(...) A Faculdade de Comunicação é uma unidade universitária autônoma fundada em novembro de 1987. Daqui a pouco, no ano que vem, ela completará 40 anos. Essa será uma data importante para nós porque reflete uma trajetória que, para muitos de nós, que iniciamos esse percurso do Jornalismo, começou na antiga EBC, antiga Escola de Biblioteconomia e Comunicação. Hoje, no prédio onde funcionava a EBC, funciona o Instituto de Ciência da Informação. (...)”

Bom, tem um aspecto que é significativo e um pouco o que eu quero destacar. Trata-se da presença e da participação do professor Florisvaldo Mattos como professor de Jornalismo. Primeiro, é que (lê) “(...) a trajetória do ensino de Jornalismo na Universidade Federal da Bahia vai do pioneirismo por ter sido o primeiro curso da Bahia ao protagonismo por estar hoje entre os melhores do país.

O curso de Jornalismo na universidade foi implantado em 1950. Ele é o primeiro do estado, e o terceiro do país, depois do Rio de Janeiro e de São Paulo, um registro que não é feito em muitas publicações, porque refletem pesquisas realizadas sem o reconhecimento de fatos fora de regiões como o Sudeste e o Sul.

A atuação do professor Florisvaldo é iniciada em 1962 e concluída em 1994, com a aposentadoria; refletiu a qualidade do seu trabalho como jornalista a partir de um convite para atuar como docente feito pelo jornalista...”, já falecido, “(...) Jorge Calmon, por muitos anos diretor do jornal *A Tarde*.

No livro *Memória da Imprensa Contemporânea da Bahia*, uma publicação de 2008, organizada pelo ex-professor da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Sérgio Mattos, o professor Florisvaldo descreve a sua atuação como jornalista desde o início da carreira e como alcançou a posição de docente quando o ensino de Jornalismo na Bahia era uma realidade de pouco mais de 10 anos...”, o curso foi implantado em 1950.

(Lê) “(...) O livro, um projeto desenvolvido pelo professor Sérgio Mattos, reuniu 23 entrevistados, nem todos eram jornalistas, mas, em boa parte, profissionais que tiveram Florisvaldo Mattos como professor, uma atividade revelada por ele de forma pitoresca, ainda que de grande contribuição para a formação de alguns dos entrevistados e de outros que percorreram o mesmo caminho.

Em sua entrevista, o professor Florisvaldo Mattos conta que namorava uma moça que sabia inglês, e conseguia muitos livros sobre Jornalismo publicados nos Estados Unidos e traduzidos por ela. O conteúdo dos livros, em boa parte desconhecido dos alunos e sem publicações semelhantes no Brasil, era estudado por ele, professor Florisvaldo, e apresentado em suas aulas aos estudantes. Na entrevista, Florisvaldo Mattos admite: ‘Fiquei até com uma certa fama de professor que informava coisas novas com muita competência’...”

Nos anos 1960, o curso de Jornalismo da Universidade Federal da Bahia estava em uma segunda etapa, instalado na Faculdade de Filosofia... (...)” – não no prédio atual, mas no prédio que, hoje, é o Ministério Público do estado – “(...) a considerar essa atual fase da Faculdade de Comunicação como a quinta de uma divisão em período de cinco etapas. A Escola de Biblioteconomia e Comunicação, onde foi aluno o professor Florisvaldo, representou uma espécie de terceira fase.

O curso, implantado em 1950, tinha modificado a estrutura curricular...”, nos anos 60, “(...) e passou a uma concepção baseada em anos seriados, diferente do que era a concepção anterior, dos primeiros anos, da década anterior, em torno de seminários...”, em 1950.

(Lê) “(...) A implantação do curso...” é um marco significativo na história da própria Universidade Federal da Bahia porque “(...) ocorreu pouco tempo depois da constituição da Universidade Federal da Bahia como instituição de ensino superior, em 2 de julho de 1946...”, daqui a pouco a universidade completa 80 anos, “(...) para atender a um decreto de Getúlio Vargas. A Ufba foi constituída a partir da integração de cursos mais antigos, dentre eles Medicina, Direito, Belas Artes, além dos que foram constituídos entre os novos, como Jornalismo.

A formação profissional em Jornalismo no início dos anos 1960 ainda não estava marcada pela obrigatoriedade do diploma, instituída em 1969, renovada 10 anos depois (em 1979) e suspensa em 2009 por decisão do Supremo Tribunal Federal relatada pelo ministro Gilmar Mendes. É uma mudança que ainda não foi revertida, apesar do esforço de entidades sindicais e instituições de ensino pela restituição do direito ao diploma ainda que o interesse pela formação tenha sido mantido, mesmo em circunstâncias em que a atuação profissional do jornalista tenha sido historicamente precarizada. (...)”

Na Mesa, nós temos duas pessoas que simbolizam essa luta: Moacyr Neves, vice-presidente da Fenaj, e Fernanda Gama, presidente do Sinjorba, que têm mantido esse esforço contínuo em defesa do que é a formação em Jornalismo e o reconhecimento da obrigatoriedade do diploma para o jornalista.

(Lê) “(...) A oportunidade que Florisvaldo Mattos dispôs para divulgar esse conteúdo aos estudantes...”, na época em que ele aproveitava o que era a oportunidade de ter acesso aos livros publicados nos Estados Unidos, “(...) representou o contato com diferentes autores. Era o tempo em que a formação acadêmica era marcada pela dicotomia entre uma predominância da prática...”, se dizia que se aprendia pela atuação nas redações, “(...) sem o reconhecimento da necessidade de uma base teórica nas instituições de ensino.

A vocação era considerada a maior condição para ser jornalista, uma mudança que demorou para ser consolidada e foi retomada há pouco mais de 10 anos, em 2013, quando houve a reestruturação curricular e Jornalismo voltou a ser um curso, não mais uma habilitação em Comunicação.

(...)

Florisvaldo Mattos está entre os professores que contribuíram para estabelecer a qualidade reconhecida do curso de Jornalismo da Ufba, sempre avaliado com a nota máxima, 5, no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade). Ele foi o primeiro dos docentes do curso, na época em que ainda funcionava na Faculdade de Filosofia, a ter o título de mestre em Ciências Sociais, obtido...”, na Faculdade de Filosofia, “(...) com a dissertação *A Comunicação Social na Revolução dos Alfaiates*, publicada em 1988...” na versão impressa, diferente do limite do que era uma dissertação acadêmica.

(Lê) “(...) Além do mestrado, obteve o título de especialista na Escuela de Periodismo, em Madri, em 1964.

Pela condição de mestre, fez parte do primeiro corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas...”, da qual o professor Ruy também fez parte, “(...) há 35 anos em funcionamento na Faculdade de Comunicação.

O Póscom representou o deslocamento da formação acadêmica de pós-graduados na área de Comunicação para a Região Nordeste do Brasil...” É também um dos cursos, dentre os que funcionam na Faculdade de Comunicação, que está entre os mais bem avaliados pela Universidade Federal da Bahia, que, no limite, é até a nota 7. O Póscom tem nota 6.

O Póscom foi um processo pioneiro, uma marca da Facom que alterou o fluxo para a titulação de mestres e doutores, que tinham apenas os estados do Sudeste como alternativa para a realização de novos estudos após a graduação.

A nova Faculdade de Comunicação, depois da transformação em unidade universitária autônoma, permitiu o reencontro com o professor Florisvaldo Mattos ao fim de 1989. O contexto que permitiu a um ex-aluno alcançar o status de colega, sem deixar de reconhecer o valor do mestre, foi a minha participação em um concurso para professor da faculdade.

Ele, o professor Florisvaldo, era um dos integrantes da banca do concurso em que fui aprovado para o cargo de professor do magistério superior, no qual ainda estou 36 anos depois. A banca era formada, além de Florisvaldo, pelos professores Marcos Palacios e Gustavo Falcón, ambos aposentados...” O professor Ruy era o diretor da faculdade na época em que eu ingressei como professor.

(Lê) “(...) Naquela época, para concorrer a uma vaga como professor do curso de Jornalismo, uma condição essencial era ter o registro profissional como jornalista...”, que era obtido com a diplomação, “(...) essa era a forma de comprovar que eu tinha um histórico de atuação como jornalista.

Na Faculdade de Comunicação, sou professor de disciplinas do Jornalismo Audiovisual, a denominação que utilizamos agora para falar do jornalismo que tem a televisão como modelo, ainda que realizado em diferentes telas.

A convivência com o professor Florisvaldo Mattos ainda permitiu sabores e afetos desenvolvidos no restaurante Porto do Moreira, de indiscutível saudade para muitos de nós, em meio à lembrança dos irmãos Antônio e Francisco Moreira.

Em uma das muitas tardes em que a nossa ocupação eram as conversas em que parecíamos não falar sobre nada, nunca esqueci quando Antônio, em meio às diversas provocações que fazia e às respostas que ouvia, muitas vezes não aceitas por ele, perguntou para Florisvaldo: ‘Você lembra quando, uma vez aqui, no restaurante, Glauber...’, naturalmente o cineasta Glauber Rocha, amigo e colega de Florisvaldo na Faculdade de Direito e, no início da carreira, no Jornal da Bahia, ‘(...) levantou da mesa e descreveu uma cena do filme que estava fazendo?’

Antônio, para demonstrar o que perguntou, ficou de pé, no meio do Porto do Moreira, perto do balcão e, com as possibilidades que o corpo lhe permitia, simulou o movimento em círculo, o que, no filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, era o confronto entre Corisco, interpretado por Othon Bastos, e Antônio das Mortes, interpretado por Maurício do Valle.

Era a reprodução da cena em que Corisco riscava o chão com a faca, com Antônio das Mortes se movimentando em torno dele ao som da trilha composta por Sérgio Ricardo...”: “*Se entrega, Corisco/Eu não me entrego, não/Eu não sou passarinho/Pra viver lá na prisão (...) Eu me entrego só na morte/De parabelo na mão.*”

(Lê) “(...) São lembranças das muitas lições do professor Florisvaldo Mattos, mesmo quando eram referências da história constituída por ele.

Parabéns, mestre, por todas as oportunidades da convivência, por mim, como ex-aluno, e pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, onde inscreveu o seu nome na formação de jornalistas e de muitos dos seus professores e professoras.”

Por essa trajetória, finalizo com o registro de uma emergência para o Jornalismo da Bahia e do Brasil, certamente, contando com o apoio da deputada Lídice da Mata!

Pela PEC do Diploma Já!” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Já estamos caminhando para o final desta sessão. Agora Rita Tavares cantará outro clássico do cancionário nacional, *Marina*, de Dorival Caymmi.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Agora, chegou o momento de entregarmos a comenda ao nosso homenageado.

Neste momento, convido, das pessoas ligados ao homenageado, a sua esposa Vera Pessoa de Mattos; os filhos Mauro, Elsinha e Joana; os netos Anaís, Benjamin e Bernardo; e o amigo Luiz Viana para entregarmos a Comenda Dois de Julho, outorgada pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, ao Sr. Florisvaldo Moreira de Mattos.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Neste momento, concedo a palavra ao nosso homenageado Florisvaldo Moreira de Mattos. (Palmas)

O Sr. FLORISVALDO MATTOS: Bom dia a todos que estão aqui presentes me honrando.

Agradeço, também, à brilhante e imponente Mesa desta grandiosa sessão. Vejo, na plateia, amigos, como se diria, de outras eras, quando a mocidade nos favorecia.

Saúdo os grandes componentes desta Mesa na pessoa, primeiramente, do deputado Adolfo Menezes, da deputada Olívia Santana como também de Rosemberg Pinto.

Agradeço a todos porque nunca pensei, em minha vida, chegar a este topo e receber uma homenagem deste nível e deste porte. Então, vou ler algumas palavras que transmitem muito da minha emoção.

(Lê) “Dentro da tradição quase teatral de sessões em homenagem a um personagem, cujo trânsito vital, por um ou mais motivos, a justifica, ocorrem falas em que a ênfase traduz todo o significado deste prestigioso ato. Fugindo desse excesso verbal, resolvi ser menos formalista, optando por uma elocução confessional, distante de saberes vagos.

E assim começo pelo dever de agradecimento merecido e sincero ao ilustre deputado Adolfo Menezes por esta prestigiosa cerimônia de entrega da gloriosa Comenda Dois de Julho, a mais alta honraria conferida pela Assembleia Legislativa da Bahia, que muito me honra.

Mas vislumbro, neste gesto, ressonâncias da sua elevada influência para a edição de meu volumoso livro intitulado *A Academia dos Rebeldes e Outros Exercícios Redacionais* pela ALBA Cultural, sob o comando do jornalista Paulo Bina, cujo lançamento festivo ocorreu, com sua venerável presença, em abril de 2023, no Museu de Arte da Bahia. Muito obrigado, meu ilustre parlamentar, por tão faustosas deferências.

Assumindo novo percurso desta elocução, como jornalista veterano, reporto-me a um cotidiano episódio ocorrido durante uma entrevista para um mais que centenário jornal, concedida a um jovem, mas já experiente jornalista, sobre o lançamento de novo livro, quando me vi surpreendido com essa pergunta: ‘O que o faz tão ativo aos 94 anos de idade?’

Para ser franco, esta súbita interpelação não me assustou, pelo tanto que tenho ouvido de vozes condescendentes. (Palmas) Por isso, logo respondi: ‘Nasci no interior da região cacauzeira sob verdejantes frondes de roças de cacau e sobre chão grandemente fértil de folhas secas; transitei por campinas e cavalguei por estradas com ladeiras de barro vermelho; nadei em rios, bebi água fresca de riachos, pesquei piabas; atravessei matas, cacei sariguês, subi em árvores, colhi frutos, vivi em vilas e cidades, onde cursei o primário e o ginásial.

Por isso, não poderia me afastar de momentos inaugurais que envolveram minha infância e parte da adolescência,volvendo-me a um lugar chamado Barro Vermelho, onde meu pai mantinha um armazém de secos e molhados frequentado por peões e administradores de fazendas, de onde, seguramente, emergiram os meus pendores para o épico e o lírico de matriz fortemente rural, que adubaram as minhas primeiras aventuras redacionais.

De lá, parti de trem de ferro para Água Preta, então distrito de Ilhéus, hoje Uruçuca...”, município de Uruçuca, “(...) onde vivi dos 4 aos 12 anos, sob os cuidados de uma amorosa e singela tia, para, na maturidade, revivê-los neste soneto. O título é *Ruídos na Noite*:

Súbito um ruído: em madrugada fria,

*Vozes arrastam sacos transitando.
Zonzo, acordo, na rede em que dormia,
Lá fora, a noite, mas ninguém passando.*

*Pela casa só via gente andando.
Ainda na escuridão, já vindo o dia,
alguém com um saco de carochos pando,
e eu sem decifrar o que acontecia.*

*Sei agora. Essa de cacau trazer
Em tropa de burros para Água Preta
É coisa que não dá para entender.*

*Melhor nem perguntar, parece treta.
Quando, apitando, aponta o trem de carga
E para na estação da rua larga.*

Daí, na falta de curso ginásial, mudei-me para Itabuna, terra fadada a abarrotar de prazeres e sonhos a juventude, além da riqueza que os cacauais lhe propiciavam. Induzido pelas aulas ministradas por zelosos professores de Português, Latim e História no Ginásio da Divina Providência, acabei por desembocar na foz da poesia, lendo poemas românticos de Casimiro de Abreu, Castro Alves e Fagundes Varela e, em seguida, os versos parnasianos de Olavo Bilac, Raimundo Correia e Bernadino da Costa Lopes.

Invoco a poesia para lembrar outro momento que muito contribuiu para a minha postura de poeta, levando-me a abandonar as vias cansativas do passadismo e a penetrar no universo arrebatador do modernismo. Foi quando, estudante do Colégio Municipal de Ilhéus, em plena adolescência, conheci o poeta Sosígenes Costa, nome altamente consagrado que, apesar de já estar com 50 anos de idade, permanecia totalmente inédito em livro.

Na ocasião, Sosígenes ocupava o cargo de secretário da Associação Comercial de Ilhéus. Assim, passei a visitá-lo em seu gabinete ao menos uma vez por semana, geralmente à tarde, ouvindo relatos que mereciam ser guardados.

Sempre cortês, no clima da conversa, de quando em vez, esse ilustre interlocutor abaixava-se, abria uma gaveta de sua escrivaninha e de lá tirava maços de papel amarelecido ou de gasta datilografia, alguns em manuscrito, e lia belos sonetos ainda àquela altura inteiramente inéditos.

Embevecido, com o que ele me facultava ouvir e ler, sempre saía desses encontros na certeza de que ali recebera lições, que me indicavam um rumo literário a seguir: o da total e convicta adesão à estética do modernismo. Como que agradecido do que me ensinara, anos depois, dediquei-lhe este soneto lavrado no rastro impressionista de muitos dos seus. Vai, aí, intitulado *Tarde de agosto*:

*Ao ver escoar-se o tempo fico olhando
solidão de moringos na janela.
Na casa, os utensílios gritam quando
entra o vento da tarde sob aquela*

*túnica de perfumes, espalhando
no chão de agosto folhas de aquarela;
já pelo espaço úmido o sol revela
afinidades com verão normando.*

*Aves adotam poses de cegonha
sobre muros pintados de cinzento.
A hora respira infância; o tempo sonha.*

*Ajustada à matéria dos domingos,
a visão recompensa o pensamento
de retorno à janela de moringos.*

A esta altura, não poderia olvidar a moldura folclórica da minha chegada a Salvador, vindo de Itabuna, de ônibus, às 21 horas, de uma Segunda-Feira Gorda de Carnaval, parar no alto da Ladeira da Montanha, o ponto final da viagem, e atravessar a Praça Castro Alves, em pleno desfile de cordões e batucadas, e ainda com uma jamais imaginada novidade: a fobica de Dodô e Osmar, com cantos e sons de guitarra elétrica, defronte do Teatro Carlos Gomes. Fiquei embaçado. Mas, décadas depois, tive a sorte de evocar esse momento em um poema, com o título de *Tempos de Arlequim* (1996), lavrado em decassílabos, assim começava:

*Salvador é Carnaval. Quando cheguei,
Em noite de Segunda-Feira Gorda,
As cores da cidade feiticeira
E os meus olhos na praça fumegavam.*

(...)

*Havia corso e blocos veteranos
(Nomes claros que hoje fazem sonhar).
Sobem os Inocentes em Progresso,
Descem os Mercadores de Bagdá.*

*E desaguava, no último quarteto:
Súbito são morenas de um cordão;
Arlequim invasor da madrugada
Agarra-se à cintura de uma delas
E sobe a praça rumo à Sé que ferve.*

A esta altura, não posso negar, embora pareça apenas uma suposição, mas foi de novo a poesia que, em muito, me favoreceu.

Recordo um episódio, com moldura exótica, senão cômica, que me lançaria na caudal de sonhos e aspirações da Geração Mapa, agora, envolvendo a figura majestosa de Glauber Rocha, seu guru.

Estudante de Direito, certa manhã, em um intervalo das aulas, estava eu sentado em um dos bancos do hall da faculdade, quando o porteiro veio me avisar que estava na portaria um grupo de jovens, querendo falar comigo.

Eu acabara de publicar, no nº 11, da revista *Ângulos*, o poema intitulado *Composição de ferrovia*, quase uma ode telúrica à mítica Estrada de Ferro de Ilhéus, hoje extinta, que ajudou a desenvolver e a civilizar a região do cacau.

Saio para atender e me deparo com quatro rostos quase imberbes. Logo, um deles me saúda enfático e declara: ‘Viemos aqui para conhecer o autor do poema *Composição de ferrovia*. Para nós, o melhor poeta modernista da Bahia.’ (Palmas)

Mas, entre desconfiado e incrédulo, agradei o cômico elogio.

Nome do porta-voz: Glauber Rocha; os outros eram Paulo Gil Soares, Calasans Neto e Fernando Rocha.

Hoje, me pergunto que versos desse poema teriam levado Glauber a divisar, no seu autor, indícios de ‘melhor poeta modernista da Bahia’. Terão sido estes da estrofe que o abria?

*Sobre campos de sol fotografados de fome
de manhã surpreendo-me entre maquinistas,
guarda-freios, foguistas, agulheiros
colecionam tristezas numa ferrovia.*

Algum tempo depois, recebi o convite para compor a equipe de redação inaugural do *Jornal da Bahia*, cuja primeira edição chegaria ao público no dia inaugural da primavera. Aí, após as edições de número zero, em um gesto espontâneo, tomei a decisão pela carreira de jornalista, que iria exercer por quase 53 anos, de julho de 1958 a fevereiro de 2011, em sua maior parte, ocupando cargos, desde repórter a editor-chefe, em redações de vários jornais.

Por esse tempo e mais, publiquei livros, conjugando poemas épicos e líricos, com outros de ensaios literários e Ciências Humanas, em um total de 19 obras editadas e lançadas.

A esta altura, não posso omitir o tempo que passei como estreante no *Jornal da Bahia* como integrante de sua redação inaugural, remontando ao muito que muito me acrescentou, especialmente advindo de seu chefe de reportagem Ariovaldo Matos, não apenas como jornalista, mas já então bastante aclamado como autor de obras de ficção...” Saudoso Ariovaldo Matos! (Palmas) Era Matos, mas não tinha parentesco comigo.

“(...) Começo por uma pauta que certo dia dele recebi, no propósito de cobrir uma invasão ocorrida na região de Itapuã, perto do aeroporto, que depois se tornaria bairro com o nome de Nova Brasília. De paletó e gravata, peguei um ônibus com destino ao aeroporto. Chegando ao local da invasão, cumpri as recomendações, entrevistando invasores e reunindo o que mais fosse necessário para composição da reportagem.

Em seguida, tomei um ônibus e marchei para a redação do jornal. Lá chegando, comecei a escrever, na máquina Remington, optando por uma prosa que liricamente realçava a beleza dos coqueirais, a brancura das dunas, onde o madeirame se assentava, cobrindo de encantos a paisagem que rodeava a incipiente invasão, repetindo, assim, a velha fórmula de redação jornalística chamada de ‘nariz de cera’, exercitada pelos redatores da época.

Sentado, de repente, vejo um vulto a meu lado, observando o que eu redigia e me perguntando: ‘O que você escreve aí?’ Era justamente o nosso já afamado chefe de reportagem, que me mandou levantar, sentou-se, digitou umas poucas linhas, levantou-se e me disse: ‘É assim que se começa uma reportagem’. Li o que escrevera, meditei e me inteirei do que doravante deveria seguir, em matéria de técnica redacional, nada menos do que pregava o novo jornalismo norte-americano, lançando a fórmula da ‘pirâmide invertida’, na qual se estabelecia uma ordem decrescente de importância do fato narrado.

Segui em frente no rastro do legítimo e moderno jornalismo. Mas, em face das lições que do meu chefe recebi, décadas depois, resolvi redigir a ele este soneto que aqui vai na forma de um soneto petrarquiano.

O título é o nome dele: *Ariovaldo Matos (in memoriam)*, pois ele já se tinha ido tristemente.

*Nem (abra-se o caderno do passado)
se fôssemos parentes saberias
o que me guardava a mente a teu lado
pelo correr das noites e dos dias,*

*Quando, sôfrego, à máquina escrevias
páginas de um jornal – ou quase um brado
que ia e voltava a teu convívio, alado
tropel sobre impassíveis geografias.*

*Como decifrador de calendários,
a batalha dos signos açulava-te
a matilha de ventos operários.*

*Eras real, um homem verdadeiro.
Mais não pude guardar, se o que eu sonhava
era ser aprendiz de feiticeiro.*

Há dois momentos que contribuíram muito para meus supostos avanços profissionais: primeiro, o de ter sido selecionado para cumprir um estágio na redação do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, à época, reconhecido como o meio impresso de mais avançado conteúdo editorial e gráfico do país, de onde parti contratado para ser correspondente, função que evoluiria para o cargo de chefe de sua sucursal na Bahia, aí convivendo com jornalistas do porte de Vitor Hugo Soares, Paolo Marconi, Roberto Gonçalves, Raimundo Lima, Nadya Argôlo e outros grandiosos profissionais, e também com Paulo Marques, na publicidade.

Também não posso omitir o meu ingresso na Ufba, a convite do hoje saudoso jornalista Jorge Calmon, então magno redator-chefe de *A Tarde*, para integrar o quadro de professores da Faculdade de Comunicação, onde atuei por 32 anos, de 1962 a 1994.

Anos depois, como conceituado redator-chefe, ele próprio me contratou como editor do expressivo caderno *A Tarde Cultural*, hoje extinto, mas que foi, por quase 20 anos de circulação um marco da divulgação cultural na Bahia, merecendo o prêmio de melhor do país atribuído pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), em 1995, no Theatro Municipal de São Paulo.

Não podia encerrar, apesar da idade, esquecendo os amigos de gerações mais recentes do que a minha, mas que sempre me dão atenção e apoio, em convivência sempre enriquecedora, cercando-me de afetos.

Por isso, merecem que, neste momento, os cite, elevando-os, a começar pelo poeta Ruy Espinheira Filho, (palmas) amigo pessoal, que considero o nosso maior lírico; Walter Queiroz Júnior e Durval Burgos, músicos, cantores e altos compositores, que muito me reverenciam com sua arte; o ficcionista Paulo Martins; o poeta Luís Antonio Cajazeira Ramos; o poeta e editor digital Carlos Machado; o escritor e poeta Carlos Barbosa; o poeta Uaçai Lopes; o desenhista Valtério Sales; os advogados Carlos Barral e Fernando Santana; e os ex-colegas de jornal, como Vitor Hugo Soares, Olívia Soares, Helington Rangel, Nestor Mendes Jr., Levi Vasconcelos e Paulo Leandro; os publicitários Paulo Marques de Faria e João Paulo Cruz. (Palmas) Perdoem-me se houve alguma omissão.

Como também, cito os médicos que cuidam da minha saúde: o soberbo urologista Dr. Carlos Cezar de Castro Moraes e o nobre cardiologista Dr. Marcus Andrade. (...)"

Não poderia, também, deixar de saudar e, ao mesmo tempo, agradecer a presença da deputada Lídice da Mata, que muito me honra por ter vindo aqui para esta sessão maior a que me honram também. (Palmas)

Agora, para encerrar, não poderia deixar de ler um poema dedicado à pessoa que me acompanha por mais de 40 anos, dando-me apoio, cuidados e amor sincero e respeitoso. (Palmas)

(Lê) *“Da Noite para o Dia
Para Vera Pessoa*

*Acordo e contemplo o horizonte, tenso.
Vem do fundo do céu a luz da aurora,
Entre aflições, desperto e penso
No que foi bom do que vivi outrora.
Homem, sob este céu, alma perdida
Por entre soledades e canções,
Vou, passo por mim, como se esta vida
Minha fosse e não fosse corações.
Oh! Quanta humanidade peregrina,
A viver entre bálsamos e orgias,
Sem saber quanto lhe persegue a sina
De trocar aflições por alegrias,
De sentir e viver domei a sanha
No amor que me alimenta e me acompanha.*

(SSA-BA, de 23/03/2015)” (Palmas)

Acabei.

Muito obrigado a todos.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Chegando ao final desta emocionante sessão especial, aproveito para agradecer as presenças de todos como professores, colegas, deputados, jornalistas, ex-alunos e amigos do nosso homenageado.

Logo após o encerramento, aqui ao lado, no nosso salão de eventos, o professor, jornalista, poeta e nosso amigo vai presentear todos com o livro *Mares Anotecidos*, publicado pelo nosso programa ALBA Cultural, aqui da Assembleia.

Então, para encerrarmos, convido todos a ouvirmos o Hino da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Agradeço as presenças de todos.

Que Deus abençoe todos!

Declaro encerrada a presente sessão especial.